

OS QUADROS DE GIZ

Os matemáticos têm uma característica peculiar: uma predileção pelos quadros de giz.

A imagem de um matemático famoso ao pé de um quadro negro de giz preenchido com fórmulas e esquemas ou a escrever nele é simplesmente icónica.

A fotógrafa Jessica Wynne, professora do Instituto de Tecnologia da Moda de Nova Iorque, desenvolveu um projeto chamado *Do Not Erase*. Nesse trabalho, Jessica Wynne fotografou quadros de institutos e universidades espalhados pelo mundo, documentando os números, símbolos e modelos desenhados por matemáticos em quadros de giz. As fotografias captam os processos de pensamento e de inspiração. A aparência do giz no quadro é muito bela e contém camadas de significado. A série de fotografias será publicada num livro editado pela Princeton University Press, cujo lançamento está previsto para 2020. Entre as fotografias escolhidas para a divulgação do projeto *Do Not Erase* encontra-se a de um quadro escrito pelo matemático português André Neves quando se encontrava a trabalhar na Universidade de Princeton.

Há muitas histórias sobre a devoção dos matemáticos pelos quadros de giz. Conta-se que quando a fábrica Hagooromo Stationery, em Nagoya, Japão, responsável pela manufatura do giz Fulltouch considerado por muitos o melhor giz do mundo, anunciou que iria descontinuar o seu fabrico, matemáticos de diversos países compraram stock suficiente para lhes durar toda a carreira. Tão famoso é o giz entre os profissionais de matemática, que é acompanhado pela sua própria lenda: é impossível escrever um falso teorema com ele. Mas não se preocupem se ainda não encheram os armários com o giz Fulltouch. Há uma réstia de esperança! A Hagooromo vendeu a fórmula a outra em-

presa e o giz continua a ser fabricado.

A preferência por quadros de giz será só uma questão de tradição? Ouvi noutra dia uma explicação interessante: é por causa do clique, clique que o giz faz quando se escreve. O barulho é muito mais forte do que seria o de qualquer outro instrumento de escrita. E, como resultado, é muito mais difícil interromper alguém que esteja a escrever num quadro negro do que, por exemplo, alguém que escreva com um marcador num quadro branco. E isso leva a um fluxo mais longo de pensamentos, o que é importante em matemática. Trata-se de uma possibilidade, mas talvez não seja o único fator.

Outro aspeto que talvez seja relevante é que os quadros de giz permitem ver várias camadas. Quando apagamos um quadro, dificilmente desaparece completamente o que estava escrito antes. O que à primeira vista parece uma desvantagem pode ser importante no processo de investigação matemática. Podemos, por exemplo, escrever uma equação e depois modificá-la para explorarmos uma nova ideia, mas, visualmente, ainda ficam sinais daquilo que serviu de base e que continua a ser fonte de inspiração.

A verdade é que, por alguma razão, a generalidade dos matemáticos, eu incluída, gosta muito dos quadros de giz. Desde os tempos de estudante que me sinto fascinada pelos enormes quadros dos anfiteatros do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, que são duplos para fazermos subir o quadro que ficou cheio e simultaneamente trazermos para a altura da mão o outro quadro para ser reescrito.

Boas escritas e boas leituras!



SÍLVIA BARBEIRO
Universidade
de Coimbra
silvia@mat.uc.pt